

JUVENTUDE E VIOLÊNCIA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS FORMAS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Maria das Dores de Sousa
Universidade Federal do Piauí

I. Introdução

A juventude é um objeto de estudo ainda pouco consolidado na pesquisa. No final da década de 1960, parece que os jovens se tornaram invisíveis, não só enquanto atores, mas como tema capaz de suscitar interesse e reflexão teórica. A partir da década de 1990, o tema da juventude adquiriu maior visibilidade e começou a ganhar projeção e complexidade no espaço público brasileiro, despertando a atenção de algumas entidades de profissionais da educação, organismos públicos e organizações não-governamentais que produziram alguns diagnósticos e pesquisas descritivas sobre a temática a violência na escola. Alguns desses estudos foi realizado pela UNESCO[i] em várias capitais do Brasil.

A violência é um fenômeno social que vem crescendo assustadoramente no Brasil e de um modo geral passou a fazer parte do nosso cotidiano; a sua presença tem sido constante em todos os espaços da sociedade brasileira entre eles as escolas, que eram antes considerados um local segura, hoje tem-se transformado em palco para a prática de violência, sendo seus protagonistas alunos e professores.

Apesar da violência ser um tema relevante e ter se tornado objeto de investigação científica na década de 1990, no Brasil, o interesse acadêmica pela temática violência na escola ainda é restrito, como constatou Sposito (2001, p 85. apud Araújo; Bomfim, 2002, p.4) [...] “não há, ainda, grupos de pesquisadores que busquem traçar um programa conjunto de investigação, abrangendo cidades e situações sócio-culturais diferentes em todo o país.” Mesmo assim, está pouco a pouco se consolidado nas pesquisas. Com intuito de compreender esse fenômeno é que se pretende, neste texto, fazer algumas reflexões sobre as diversas formas de violências vivenciadas no ambiente escolar, utilizando-se como procedimento metodológico à pesquisa bibliográfica tendo como fonte de investigação livros, artigos publicados, revistas, textos da internet, entre outras.

O aumento da violência e da pobreza, bem como, o declínio das oportunidades de trabalhos, está deixando a juventude, não só no Brasil como na América Latina, sem perspectiva para o futuro, sobretudo aqueles que vivem em situação precária e aquém das condições mínimas para assegurar uma participação ativa no processo de conquista da cidadania.

Deste modo, é possível afirmar que os jovens se encontram entre as principais vítimas do tipo de desenvolvimento econômico e social adotados pelos países capitalistas. Esta situação tem se aprofundado nas últimas décadas com a implantação da política neoliberal, que investe fortemente no espaço público, em favor do capital e do consumo submetendo a lógica do capital à prestação de serviços, tais como educação, saúde e moradia, causando uma completa exclusão dos empobrecidos e automaticamente o aumento da violência. Sendo os jovens os mais vulneráveis com a violência seja na condição de vítimas ou agressores.

Neste sentido, (Freitas; Papa, 2003, p. 7) afirmam que.

De modo geral, os jovens passaram a chamar a atenção da sociedade como vítima ou protagonistas de problemas sociais. Múltiplos projetos e ações foram então criados, dirigidos majoritariamente a adolescentes e focam questões como desemprego, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, drogas, e particularmente violência.

À medida que a violência ganha destaque entre as preocupações na sociedade mais o jovem torna-se com ela identificado, reforçando no imaginário social a representação da juventude como um problema.

Esta situação tem despertado não só o interesse de pesquisadores como de agências internacionais, entre elas o BIB[ii] e a UNESCO, que vem desenvolvendo inúmeros estudos, pesquisas e debates no sentido de buscar alternativas que possam subsidiar as políticas sociais voltadas para a juventude.

De acordo com o censo do IBGE [iii] (2000), os brasileiros entre 15 a 24 anos somam hoje 34 milhões, representando cerca de 20% da nossa população. O aumento e o peso significativo desse contingente da população exige tanto do poder público como da sociedade civil organizada um olhar atento às suas necessidades.

Tratando-se das necessidades dos jovens a escola é considerada um elemento importante no mundo destes atores, tendo em vista que ela assegura a reprodução cultural e desenvolve forma de sociabilidade e de participação através da adesão aos diversos grupos e classes dos quais participam. Outra dimensão importante desta

instituição é que quando o meio familiar oferece condições desfavoráveis nos aspectos econômicos e sócio-culturais, a escola surge como espaço alternativo de interação com o outro.

Independente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, a escola é um espaço potencial de debate de idéias, confronto de valores e visão de mundo que interfere no processo de formação e educação dos alunos. Infelizmente este espaço tem se constituído um local de prática de atos de diversas formas de violências entre elas a violência física e a simbólica.

2. Formas de violência nas escolas

A violência tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não atinge somente a integridade física, mas também as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas de indivíduos ou grupos nos diversos espaços sociais, entre eles a escola.

A noção de violência é, por princípio ambígua, não existe uma única percepção do que seja violência. Ela se manifesta de diversas formas e por isso deve ser analisada a partir das normas, das condições e do contexto social que varia de um período histórico a outro. Neste sentido, Chesnais, (1981, apud Abramovay et al 2002, p. 18) “apresenta as múltiplas formas de violência registradas em diferentes épocas e sociedades privadas e coletivamente. [...] as quais devem ser hierarquizadas segundo seu custo social.” São elas: a violência física – inclusive a violência sexual; a violência econômica e a violência simbólica.

No sentido de diferenciar as diversas formas de violências que podem ser imputadas às pessoas, a UNESCO vêm realizando pesquisas que procuram entender as causas de tais violências e orientar a busca de soluções para combatê-las. Desta forma, (Castro et al, 2001; Abramovay et al, 1999; Barreira 1999 e Manayo et al, 1999) “vêm utilizando as definições de violência direta, indireta e simbólica para identificar diferentes expressões do fenômeno.” (Abramovay, 2002, p. 27-28).

As formas de violências são assim definidas:

- violência direta; refere-se aos atos físicos, que resulta em prejuízo deliberado à integridade da vida humana. Essa categoria envolve todas as modalidades de homicídios, como: assassinato, chacina, genocídio, crimes de guerra, suicídio, acidente de trânsito e massacre de civis;

- violência indireta; envolve todos os tipos de ação coercitiva ou agressiva que impliquem em prejuízo psicológico ou emocional;
- violência simbólica; abrange relações de poder interpessoais ou institucionais que cerceiam a livre ação, pensamento e consciência dos indivíduos.
- violência econômica; aquela que se refere aos prejuízos causados ao patrimônio e propriedades, especialmente aquele resultado de vandalismo.

As citadas formas de violências serão estudadas neste texto no âmbito da escola. Antes, considerada como um lugar seguro, destinado a práticas socializadoras; hoje, tornou-se um espaço de práticas de atos violentos contra o patrimônio físico e humano.

A violência na escola é algo ameaçador e inaceitável, uma vez que a educação trata de um componente básico para a qualidade de vida da população juvenil é considerada o principal instrumento para promover os níveis de capital humano e para promover a interação social entre os jovens e adolescentes, em conjunto com a família constitui um dos espaços tradicionais de socialização entre os jovens.

Para Damasceno o cotidiano da sala de aula (2001, p. 22),

[...] reflete uma experiência de convivência com a diferença. É ainda um momento de aprendizado de convivência grupal, onde as pessoas estão lidando constantemente com as normas os limites e as transgressões. Vista por este ângulo, a escola se tornou um espaço de encontro entre iguais possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidades para os alunos falarem de si trocarem idéias e sentimentos

No entanto, quando se direcionando o olhar para outro ângulo percebe-se que a escola se dirige cada vez mais a um público específico, distinto por sua classe social, não reconhece o capital cultural dos alunos das classes populares limitando a interação entre diferentes, favorecendo o isolamento destes jovens e, conseqüentemente, a uma exclusão maior.

De acordo com dados divulgados pelo (PROJETO JUVENTUDE. São Paulo: [s.d, p.8;28) 16,2 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, em 2001 estavam excluídos do sistema escolar. E somente 42% da população nesta faixa etária chegou ao ensino médio e apenas 13,5% no (ao) ensino superior.

Convém enfatizar, que a exclusão escolar tem-se tornado mais acentuada entre os jovens pertencentes às classes trabalhadoras, negras e moradores das regiões mais pobres, das periferias urbanas e das zonas rurais.

Ainda de acordo com o referido Projeto, embora tenha havido um decréscimo dos dados sobre analfabetismo ainda são atingidos 3,8% dos jovens, o que significa 1,1 milhão de pessoas. A maioria destes jovens vive na região nordeste 70%, 43% vive em áreas rurais, 45% em áreas urbanas não metropolitana. Os negros e pardos correspondem a 75% dos analfabetos e os brancos 32%. Essa situação, além de denotar situação de negação da cidadania configura ato de violência simbólica e contribui para a composição de vulnerabilidade social que por sua vez favorece a outras formas de violência.

Tratando-se do fenômeno violência e exclusão dos jovens no Brasil, (MELLO,1999, apud, Araújo; Bomfim, 2003, p. 2).

Destaca a convivência paradoxal entre ricos e pobres, nos grandes centros urbanos, como uma forma de violência desencadeadora de outras violências.” Para essa autora, o mercado de consumo, que cria necessidades matérias impossíveis de serem satisfeitas pelas classes sociais mais pauperizadas, e um estímulo a criminalidade.

Para uma compreensão mais ampla as diversas formas de violências presentes no cotidiano das escolas buscou-se sustentação teórica nos autores Candu, Lucinda, Nascimento(1999) Matos (2001), Abramovay (2002) Whitaker (1994), Silva (1995) entre outros e em atos de violência praticados nas escolas e noticiados na imprensa.

Segundo Candu, Lucinda, Nascimento (1999, apud Matos 2001. p.51) a crescente violência nos bairros praticada por grupos externos termina invadindo a escola, transformado-o em verdadeiro campo de batalha.

Em resposta, a escola se “fecha” a cada dia, e deixa de dispor seus equipamentos para quem é de direito. Apontam ainda a depredação através de furtos, quebras de sanitários, pichações, quebra de lâmpadas e ventiladores. Ainda podem ser observadas atitudes de violência entre alunos, e pessoas da comunidade que agredem e matam os alunos dentro das escolas e, infelizmente, também entre jovens e professores.

Abramovay (apud Borges, acesso, 15/09/20060) registrou em pesquisa por ela realizada ameaças de violência a uma professora por parte de uma aluna que estava colando.

Depois de flagrar o momento em que uma aluna colava na prova, a professora de um Ciep próximo de uma favela, em Nova Iguaçu, aplicou-lhe uma correção; a nota zero. Sem qualquer cerimônia, a aluna tentou reverter a nota fazendo uma ameaça a professora. A adolescente que teria envolvimento com traficantes, deu o recado em voz alta “isso não vai ficar assim”.

A violência simbólica é constantemente praticada na sala de aula pelos alunos e professores. Os professores não se apercebem como violadores dos direitos dos alunos e estes, por sua vez, intimidam os professores por motivos corriqueiros como notas e entrega de trabalhos. Afirma Whitaker, (1994, apud Silva, acesso, 15/09/2006) que esta situação.

Ajuda não só a obscurecer a violência que está no dia-a-dia, no cotidiano, como também a esconder suas verdadeiras causas. [...] os professores não se dão conta de que o que torna as crianças apáticas, não são propriamente os conteúdos ministrados, mas o ponto de partida das práticas pedagógicas que se apresenta carregada de autoritarismo e, de violência simbólica.

Ainda no tocante a relação professor aluno (DAYRELL 2003, p. 177) assevera que um dos “aspectos que caracteriza a relação professor-aluno é que os jovens são tratados como se fossem todos iguais e isso os incomoda muito, além de gerar violência entre eles.”

Para Sposito (1998, apud Araújo; Bomfim, 2003, p. 4),

a violência praticada por adolescente na escola pode ser um indicativo concreto de protesto contra valores transmitidos nessa instituição, os quais não respondem as suas expectativas e necessidades de melhoria para o futuro não são suficientes para construir relações significativas com a escola.

Neste sentido, os professores precisam estar atentos e fazer uma reflexão não só em torno das práticas pedagógicas, dos conteúdos trabalhados, das metodologias empregadas, mas também das suas atitudes pessoais, tendo em vista que todo processo educativo tem uma dimensão cultural instrumentalizadora, por onde responde às necessidades gerais da pessoa e da sociedade.

Além das formas de violências anteriormente mencionadas existe também aquela que está em torno da escola porque mais cedo ou mais tarde ela acaba do lado de dentro. São bares vizinhos aos colégios que vendem bebidas alcoólicas aos jovens, Gangues ligadas ao tráfico, brigas que acontecem lá fora e acabam tendo algum desdobramento do lado de dentro.

A propósito desta questão, convém registrar um ato de violência praticado contra estudantes que foi noticiado pela imprensa do mundo inteiro. Manchete publicada na revista ISTOÉ em 20/09/06 **Atirador mata estudante no Canadá** “o jovem Kimveer Gill, 25 anos, causou pânico na quarta-feira 13 na Faculdade Dawson em Montreal (Canadá). Ele invadiu o campus atirando. Uma estudante foi morta e outros 20 ficaram feridos, Gill foi morto pelos policiais”.

Em suma, a escola que era antes era um espaço de práticas de socialização, de construção e transmissão de conhecimento hoje, se tornou um espaço de práticas das diversas formas de violências mencionadas anteriormente.

3. A mídia como fator desencadeador de violência.

O mundo globalizado, em muitos aspectos excludentes em que a dimensão mídia atravessa a vida da maioria dos seres humanos, mudam-se vertiginosamente os paradigmas que propiciam o acesso a educação, a cultura e o entretenimento. A força irresistível da televisão, da internet, dos jogos eletrônicos torna-se cada vez mais potente sua capacidade de influenciar as atitudes das crianças, dos adolescentes dos jovens bem como, de suas famílias e educadores.

Na sociedade capitalista globalizada, valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito tolerância e outros são poucos estimulados nos espaços de convivência social, como na família, na escola, no trabalho e em locais de lazer. As ausências destes valores dão margem à individualidade, a brutalidade, a intolerância a insensibilidade com o sofrimento e conseqüentemente o aumento da violência inclusive na escola.

Com a ausência destes valores, a mídia exerce um papel crucial na atribuição de sentido e na formação dos jovens que passam a priorizar valores materiais em detrimento dos valores morais.

A mídia ainda cria necessidades materiais como tênis e roupas de grife que são incompatíveis com o poder aquisitivo das classes sociais mais empobrecidas. Desta feita, estimula os jovens a praticarem atos de violência como assalto, roubos e até homicídio para a obtenção de bens colocados, sobretudo pela mídia eletrônica como essenciais à inclusão social. Além disso, são apresentados comumente na televisão programas com “brincadeiras” desrespeitosas, com conotações violentas entre eles programas infantis.

A influência da mídia eletrônica é destacada por alunos de um conjunto de escolas localizadas no município de São Paulo, onde a pesquisadora Ainda Silva desenvolveu, em 1995, uma pesquisa sobre a percepção que diretores, professores e alunos têm em relação ao fenômeno da violência urbana e escolar.

Os alunos foram unânimes em afirmar que há uma tendência das pessoas em “copiarem” os programas de televisão, a ponto de determinadas atitudes

virarem moda entre crianças e os jovens. E eles vão mais além, defendem a necessidade de um disciplinamento para o horário e a frequência de programas que têm conotação violenta. (SILVA, acesso em 15/09/2006)

As considerações que os jovens fazem a respeito da mídia eletrônica deve ser refletida pela escola que nega a televisão, esta age como se ela não existisse. Enquanto isso, as crianças, os adolescentes e os jovens passam grande parte do seu tempo assistindo programas muitos deles violentos como, por exemplo, os filmes de terror.

Neste sentido, o (PROJETO JUVENTUDE, [s.d], p. 13) realizou pesquisa de natureza quantitativa de âmbito nacional e constatou que: “91% dos jovens entrevistados costumam assistir televisão durante os dias da semana, e 87% disseram fazer o mesmo nos finais de semana”.

Os dados mostram que uma reflexão por parte da escola e também da família sobre os programas exibidos pela mídia eletrônica se faz necessário, tendo em vista, que o modelo violento transmitido por ela termina refletindo no ambiente escolar e familiar, uma vez que as informações não se limitam a informar, mas atuam fortemente na forma de vida das pessoas. Por isso, a escola tem que promover debate nesta direção com as famílias e a sociedade.

4. Considerações finais

A violência é um fenômeno social que mais tem se agravado em nosso país e se manifestado na escola, através das diversas formas de violências já mencionadas neste texto. A ocorrência de cenas de violência no ambiente escolar é constantemente noticiada pela imprensa mundial e nacional como foi mostrado no decorrer deste texto.

Constatou-se que muitos são os fatores que contribuem para o fenômeno da violência se manifestar nas escolas entre eles: a banalização da violência; a exclusão do jovem do sistema escolar que é mais acentuada entre os jovens negros e moradores das periferias urbanas e das zonas rurais; o mercado de consumo, que cria necessidades materiais impossíveis de serem satisfeitas pelos jovens das classes sociais mais empobrecidas. Parte deles terminam envolvidos em atos de violência física como homicídio e outros; a violência simbólica, praticada por professores e alunos quando se agredem mutuamente; a violência econômica, com a depredação do patrimônio material da escola, a violência que esta em torno da escola, que de uma forma ou de outra acaba entrando no seu interior.

Em fim, para se compreender o fenômeno da violência praticada na escola, primeiro, faz-se necessário situar o jovem no modelo de sociedade que está inserido. Tendo em vista, que a sua dinâmica se mistura com a dinâmica social segundo, procurar refletir as práticas sociais que estão mergulhados, ou seja, sua condição sócio-econômica e cultural, suas individualidades, seus anseios, suas idéias e seus sentimentos.

5. Referências Bibliográficas

ABROMAVAY, Miriam. **Juventude valência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ALMEIDA, Gustavo; BORGES, Waleska. **Educação: a cartilha da violência**. [s.n.t].

ARAÚJO, Vila Dias; BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Escola violência e representações sociais. In: XVI Encontro de Pesquisa educacional do Norte e Nordeste. São Cristóvão. **Anais**. EPENN 2003. Junho. CD ROM.

DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetória da juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. In: _____ et al (Org) **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001. p.09-24. (Coleção diálogos intempestivos).

DAYRELL, Juarez. Escola e culturas juvenis. In: **Políticas públicas: juventude em pauta**. FRETAS Maria Virginia; PAPA Fernanda de Carvalho.(Org) São Paulo: Cortez, Ação Educativa. 2003.

ISTOÉ, São Paulo: n.1926, Setembro. 2006. p. 22.

PEREZ, Maria Luz. Escola e cultura juvenis. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org) **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

MATOS, Kelma. **Escola: quando a juventude tece significados** In: _____ et al. **Trajetória da juventude: Fortaleza: LCR, 2001. p. 27-40.** (Coleção diálogos intempestivos).

PROJETO JUVENTUDE: documento de conclusão: versão inicial para discussão, complementação e ajuste. São Paulo: [s.n, s.d] (Instituto Cidadania).

SILVA, Aida Maria Monteiro. **Educação e violência: qual o papel da escola**. Disponível em < [www. Dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aidal.htm](http://www.Dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aidal.htm)> Acesso em: 15/09/2006.

SOUZA, Regina Magalhães. **Escola e juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. **A produção de conhecimento sobre juventude na área de educação no Brasil.** [s.l]. Disponível em < [www. hottops.com/harvard4/Marilia.htm](http://www.hottops.com/harvard4/Marilia.htm).> Acesso em: maio de 2005.

Siglas

[i] Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura

[ii] Banco Internacional de Desenvolvimento

[iii] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística